



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PATU**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS**  
**CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**SABRINA DE PAIVA BENTO**

**O AMOR E SUAS IRRADIAÇÕES BIOPOTENTES EM *O APOCALIPSE DOS*  
*TRABALHADORES*, DE VALTER HUGO MÃE**

**PATU**  
**2020**

**SABRINA DE PAIVA BENTO**

**O AMOR E SUAS IRRADIAÇÕES BIOPOTENTES EM *O APOCALIPSE DOS TRABALHADORES*, DE VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Annie Tarsis  
Morais Figueiredo

**PATU  
2020**

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

B478a Bento, Sabrina de Paiva

O amor e suas irradiações biopotentes em o apocalipse dos trabalhadores, de Valter Hugo Mãe. / Sabrina de Paiva Bento. - Patu, 2020.

44p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Amor. 2. Afeto Biopoente. 3. Personagem. 4. Literatura Portuguesa Contemporânea. 5. Valter Hugo Mãe. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

SABRINA DE PAIVA BENTO

**O AMOR ENQUANTO AFETO BIOPOTENTE EM O APOCALIPSE DOS  
TRABALHADORES, DE VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do Campus Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 08/ 12/ 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

*Annie Tarsis Moraes Figueiredo*

Orientadora – UERN

*Francisca bailra Ribeiro Pinto*

Examinadora 1 – UERN

*Maria Karoline Lima de Oliveira*

Examinadora 2 - UERN

## AGRADECIMENTOS

É só esperar o momento certo para tudo acontecer. Começo meus agradecimentos com um trecho da canção *É só esperar*, de minha autoria, porque ela tipifica esses quatro anos de vivência acadêmica. Viva a promessa, pois àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais além daquilo que pedimos ou pensamos peleja por nós (Efésios 3-20). Em cada detalhe percebi o cuidado do Eterno. Ao Supremo Amor, minha gratidão. Mesmo diante das dificuldades sempre me fez lembrar da sua bondade e graça, mostrando sempre caminhos de possibilidade.

Concluir o Curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas se tornou possível por causa daqueles que partilharam comigo e partilham até hoje das noites em claro e das manhãs de alegria. Encontramos nesses momentos, cada dia mais, a certeza de existir um paraíso no outro. Quando compreendemos isso, a beleza comparece. A partir dessas singelas palavras deixo meu agradecer:

À minha família, minha mãe Antonia e meu pai Wilson. Com lágrimas nos olhos redijo: obrigada por sonhar comigo, por me aturar em dia de caos e estresse interior. Painho, seus cheirinhos foram cruciais para manter-me firme no período da escrita; mainha, suas orações e conselhos fortaleceram meu espírito, permitindo o avanço e progresso durante esse processo tenaz. Minhas irmãs Sandra e Samara que mesmo distante, presente estavam. Como é bom ter vocês em minha vida e saber que posso contar com a cumplicidade e singularidade de cada uma... Quanto amor! Samara, você é motivo de orgulho para mim pela força e coragem de transpor seus medos, por não desistir dos seus sonhos, isso de certa forma irradia em mim; Sandra, a caçulinha da família. Seu jeito de nos fazer rir sem sequer ter um motivo deixa os nossos dias mais leves. No percurso de produção acadêmica então, nem se fala. À minha avó Madalena e em memória ao meu avô Francisco.

Não poderia deixar de citar Helenilson, Lara e Wesley que em amor e amizade externaram zelo a mim. Acreditem, cada ligação e mensagem reverberavam em meu ser positivamente. Em todo o tempo ama o amigo; e na angústia nasce o irmão (Provérbios 17-17). O ano de dois mil e vinte foi intenso e difícil, todavia possibilitou aproximações significativas. Quanta graça recebemos de Deus. Vocês também fazem parte da bondade d'Ele em minha vida.

A todos os professores do *campus* de Patu nos quais contribuíram para a minha formação nesses anos, apresentando um olhar crítico acerca de muitas coisas, principalmente, fora dos muros da educação. Em especial, à prof<sup>a</sup> Guianeza Saraiva, porque como ela diz: “o primeiro amor a gente nunca esquece”. No primeiro período as três disciplinas ministradas por você serviram de base para o decorrer do curso. O seis me ensinou muito! À prof<sup>a</sup> Lailsa, sua maneira de conduzir a aula, de nos apresentar a literatura, produz em nós um sentimento de ir à fonte e querer sempre mais. À prof<sup>a</sup> Leidiana, a barbie da UERN. O carinho, o cuidado em planejar cada aula marcou minha vida acadêmica. É impossível sentar para construir um plano de aula e não pensar nas discussões produtivas de suas aulas. Os sonhos ainda estão de pé! Vou sentir saudades de chegar na sala e dizer: Leidiana, hoje eu “sonhei um sonho”.

Annie, este parágrafo é todo seu! Obrigada por me apresentar a Literatura Portuguesa, pelas orientações, pelos encontros do PIBIC. Saiba que muitas vezes meus olhos ficaram marejados só de estar ali, por ter a oportunidade de fazer pesquisa e aprender com você. Você me instigou a sair da mesmice literária, a produzir pesquisas em que o texto deveria fluir e resplandecer nas páginas escritas. Até hoje, os aspectos de não cristalizar o texto, caracterizá-lo em apenas dois polos, permanecem aqui.

Aos meus colegas de curso. As nossas manhãs eram só lindezas. Entre choro, risada e atritos seguíamos o caminho da construção profissional. Ao grupo Quarteto Fantástico composto por mim, Maria Clara, Síría e Belinha. Meninas, eu desejo a vocês uma trajetória de sucesso. Sentirei tanta saudade das nossas reuniões para a realização dos trabalhos. No final, só terminava em comida. Sem contar das nossas conversas e altas risadas. Sem dúvida, cada partilha ficará em mim para sempre. Ao meu amigo Douglas Guedes que suportou minhas chatices e brincadeiras no curso. Sempre muito leal e preocupado com o outro, inclusive comigo. Tenho o chaveiro de violão, presente de aniversário, guardado até hoje.

À banca examinadora, prof<sup>a</sup> Francisca Lailsa Ribeiro Pinto, prof<sup>a</sup> Maria Karoliny Lima de Oliveira, por aceitar o convite para participar desse momento tão importante na minha vida, pelo trabalho de ler e analisar o texto e, conseqüentemente, avaliar. Cada contribuição vinda de vocês é um degrau a mais na minha formação. À diretora Cláudia Tomé do nosso *campus* por ouvir os alunos e fazer da UERN um local de

alteridade e empatia. Profª Sueli, você tem um lugar especial no meu coração. Enfim, a todos que direta ou indiretamente corroboraram nessa etapa: gratidão.

## RESUMO

O presente trabalho visa analisar como o amor, enquanto afeto biopotente, se configura, tendo em vista os aspectos que possibilitam a movência e o agir dos personagens no romance *O apocalipse dos trabalhadores* (2017), de Valter Hugo Mãe. A relação entre os afetos e a literatura tem se mostrado indissociável nas produções artísticas intrínsecas à contemporaneidade, contribuindo para pensarmos as condições sociais, bem como refletir sobre os paradigmas internos e externos de si mesmo e do outro, mediante as situações do cotidiano. Por ter um caráter crítico-analítico unimos dois saberes: literatura e filosofia. Partindo disso, como arcabouço teórico, utilizamos para os estudos sobre os personagens e alguns aspectos da pesquisa em literatura Alfredo Bosi (1988), Antonio Candido (2007), Fábio Durão (2015), já no que diz respeito ao biopolítico Giorgio Agamben (2002) e Michel Foucault (2011); Peter Pál Pelbart (2013, 2015) para tratar o poder sobre a vida e poder da vida. Vladimir Safatle (2016), sobre o circuito dos afetos, em específico, o amor. Essa investigação nos permitiu, a partir da relação entre os personagens centrais do romance, entender que o afeto amor os impulsionam às transformações, tanto individuais quanto coletivas, pois os afetos têm a capacidade de mover tanto o eu quanto o outro. De mesmo modo, os circuitos afetivos existentes possibilitam novas linhas de fuga diante do contexto biopolítico do século XXI, haja vista a crise econômica, a fome, a escassez, bem como a ausência de dignidade e precariedade da vida.

**Palavras-chave:** Amor. Afeto biopotente. Personagem. Literatura Portuguesa Contemporânea. Valter Hugo Mãe.



## ABSTRACT

The present research aims to analyze how love, as a biopotent affection, is configured within the novel *O apocalipse dos Trabalhadores* (2017), by Angola-born Portuguese writer Valter Hugo Mãe, considering the aspects that enable the movement and action of the characters within the narrative. The connection between affections and literature has been shown to be inseparable in artistic productions intrinsic to contemporary times, contributing to thinking about social conditions, as well as reflecting on the internal and external paradigms of oneself and the other, through everyday situations. As it has a critical-analytic feature, we unite two types of knowledge: literature and philosophy. Based on that, as a theoretical framework, we used Alfredo Bosi (1988), Antonio Candido (2007), Fábio Durão (2015), already with regard to the biopolitical Giorgio Agamben (2002) and Michel Foucault (2011), Peter Pál Pelbart (2013, 2015) to address power over life and power of life. Vladimir Safatle (2016), about the circuit of affections, specifically, love. Finally, this investigation allowed us, from the relationship between the central characters of the novel to understand, that the love affection drives them to transformations, both individual and collective, because the affections have the ability to move both the self and the other. Likewise, the existing affective circuits enable new lines of escape in the face of the 21st century biopolitical context, given the economic crisis, hunger, scarcity, as well as the lack of dignity and precariousness in life.

**Keywords:** Love. Biopotent affection. Character. Contemporary Portuguese Literature. Valter Hugo Mãe.

## SUMÁRIO

<b>PALAVRAS INTRODUTÓRIAS.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1- OS FIOS INVISÍVEIS QUE TECEM TRAMAS DE SENTIDOS TÊNUES EM O APOCALIPSE DOS TRABALHADORES.....</b>	<b>14</b>
1.1 Por uma escrita em minúsculas: a construção da personagem em Valter Hugo Mãe .....	16
1.1.2 Paisagens biopolíticas na terra dos trabalhadores .....	20
<b>CAPÍTULO 2 - A INTELIGÊNCIA MAIS SECRETA DE TODAS: O AMOR E SUAS IRRADIAÇÕES BIOPOTENTES VIS-À-VIS DO BIOPODER.....</b>	<b>27</b>
2.1 O amor é a inteligência mais secreta de todas, ou o afeto que humaniza.....	29
2.2 Por não caber no espaço tão pequeno: o amor como pulsão de vida e morte ....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A literatura contemporânea portuguesa marca os panoramas literários ganhando força no período neorrealista, vindo à tona com a Revolução de Abril do ano de 1974. Diante disso, temos uma ficção mutável, personagens híbridos, porque existe a necessidade de trabalhar a realidade mediante essas transformações advindas de um contexto complexo. O real não é descrito de maneira histórica, mas numa perspectiva ficcional, na qual os personagens são afetados por causa das mudanças político-sociais e econômicas.

Pensando em tais aspectos, esta pesquisa tem o objetivo de analisar como o amor, enquanto afeto biopotente, configura-se dentro do romance *O apocalipse dos trabalhadores* (2017), de Valter Hugo Mãe, levando em consideração como esse afeto é potência que move os personagens e os fazem agir em busca de outro modo de vida, uma mais digna. Diante disso, buscamos investigar a partir dos personagens centrais, sobretudo da protagonista, Maria da Graça, como se constituem diante do contexto biopolítico de Portugal a partir do circuito afetivo existente entre eles, no qual impulsiona as transformações, tanto individuais quanto coletivas.

Os textos produzidos na contemporaneidade nos ajudam a pensar nas condições sociais, refletir sobre os paradigmas internos e externos de si e do outro, tendo em vista as situações do cotidiano. É o caso da escrita de Valter Hugo Mãe. O autor assume a sensibilidade diante de temas que surgem da sociedade, principalmente quando se trata das minorias e das relações humanas.

Inclusive, é destacado como um dos autores portugueses mais lidos da atualidade, e suas obras circulam por vários países, a saber: Brasil, Alemanha, Croácia, França e etc. Publicou sete romances, dentre eles se destacam *A máquina de fazer espanhóis* (2016), *O apocalipse dos trabalhadores* (2017) e *O remorso de Baltazar Serapião* (2010), *A desumanização* (2017), coletânea que inaugura seu projeto intitulado como tetralogia das minúsculas. Para além disso, publicou *O filho de mil homens* (2016) e *O nossos reino* (2019). Também se dedica à escrita infantil como os livros *Contos de cães e maus lobos* (2018), *O resto da minha vida* (2003); *O paraíso são os outros* (2018); *As mais belas coisas do mundo* (2019), inclusive sua poesia está reunida no volume *Contabilidade*, bem como em *publicação da mortalidade: poesia reunida*.

Publicado no ano de 2008 em Portugal, o livro *O apocalipse dos trabalhadores* possui a vida como aspecto central. Porém, partindo de um ponto mais desigual, pois o cenário é de grande pobreza, baixos salários e falta de trabalho. Tudo isso gira em torno dos resquícios deixados pelos regimes salazarista e marcelista (Estado Novo português). Os casais centrais do enredo: Maria da Graça, Sr. Ferreira, Andriy e Quitéria vivem em Bragança no norte de Portugal. As duas mulheres se dedicam à limpeza de casas. A primeira trabalha para o Sr. Ferreira, um homem rico; já Andriy é um imigrante ucraniano que, para livrar os pais da fome, sai do seu país e desembarca em Portugal na esperança de conseguir trabalho e os sustentar. Diante desses estratos sociais, das relações estabelecidas, podemos perceber e dar vazão aos mais variados afetos dentre eles a esperança, o medo, o desamparo, e aqui destacamos: o amor.

Dessa forma, quando nos referimos ao termo “afeto” se faz necessário uma breve explicação. Etimologicamente, de acordo com Houaiss (2009) a palavra remota ao verbo afetar, como também a um conjunto de fenômenos psíquicos vivenciados e experimentados conforme as emoções e sentimentos, um ser atingido por algo não necessariamente positivo, propiciando graus de complexidades diferentes. Nesse sentido, os afetos atravessam o plano social e existencial, não somente de modo particular, como se deduz *a priori*. Isso significa dizer que também tem seu alicerce e recai em outra pessoa.

Diante disso, o escritor coloca afetos na sua prática textual de *O apocalipse dos trabalhadores*, eles se dão a partir da construção dos seus personagens, mas sobretudo, das relações entre eles. É como se fosse possível transcender o lugar destinado a eles porque ocorre um triunfo pessoal e uma libertação da alma. Na escrita de Valter Hugo Mãe, há uma predisposição genuína ao outro, porque é na relação alteritária e no cotidiano que encontramos a chave mais eficaz da revolução política, seja por meio do infortúnio, da amizade, dos encontros e desencontros na sociedade.

O amor, sob o viés biopolítico, possui uma dupla face, é aquele que desampara, mas ao mesmo tempo recria para suscitar estratégias de sobrevivências frente ao biopoder, sendo este último responsável por capturar a vida em suas várias instâncias, explicaremos como isso se dá mais adiante. Devido à potência de agir e se relacionarem, os personagens traçam novos caminhos e arranjos dentro da trama. Partindo disso, a pergunta norteadora da nossa pesquisa é: como as relações entre

os personagens do núcleo principal da narrativa produzem aberturas para o poder *da vida* a partir do afeto amor, enquanto biopotente, contrapondo-se ao poder *sobre a vida*. Diante disso, a biopotência se refere aos novos espaços, novos meios, novos vínculos, que a vida encontra para sobressair ao biopoder. Consiste em uma inteligência coletiva, como também na afetação recíproca. Em resumo, é perceber o poder de agir dos personagens sendo simplesmente aquilo que é. Por isso, nosso olhar se dará sobre o afeto amor, enquanto biopotência, se contrapondo ao poder *sobre a vida* (biopoder)<sup>1</sup>.

No início, foi dito que a vida em *O apocalipse dos trabalhadores* ocupa um lugar central e esse é também um dos aspectos nos quais constitui aquilo que se compreende por biopolítica. Nos estudos de Michel Foucault, precisamente na obra *História da Sexualidade I* (2000), e em outros filósofos contemporâneos como Giorgio Agamben em *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (2002), encontraremos discussões acerca do poder soberano atrelado às questões biopolíticas. Esse, por sua vez, trata-se de um sistema de governo, no qual a vida não possui valor, em vista disso pode ser descartada facilmente. Por outro lado, a queda desse método possibilitou ao Estado a criação de mecanismos que garantissem a longevidade da população, o fazer viver agora implica em fugir, afasta-se da morte, não mais a promover, mas cultivar a vida para garantir força útil dos corpos.

Na narrativa percebemos que o trabalho tanto proporciona o estar vivo como também esgota os personagens capturando as vidas e atuando em forma de biopoder. Partindo disso, quando nos referimos ao biopoder, estamos tratando das situações nas quais aprisionam a vida, seja a partir da conjuntura social, das condições de existência ou até mesmo devido às relações. Porém, o viver implica em resistência. Dito de outro modo, existir é também ser ativo, é a potência de agir criando um outro trajeto para coexistir enquanto uma vida digna, sendo biopotente. Portanto, o amor, enquanto afeto biopolítico, também atua impulsionando os personagens. Contudo, também os aprisiona, haja vista as complexidades traçadas, partindo do pressuposto de que tanto o biopoder, quanto a biopotência, são faces da biopolítica.

A nossa pesquisa tem caráter crítico-analítico pensando a metodologia não de maneira autônoma, mas interligada ao próprio movimento interdisciplinar que o nosso estudo propõe. Desse modo, ao nos reportarmos à pesquisa em literatura, com base

---

<sup>1</sup> Podemos imaginar as indagações que surgem por causa dos termos: biopolítica, biopoder, biopotente/biopotência. Mas a compreensão virá, sobretudo, quando realizarmos a análise literária.

nos procedimentos metodológicos existentes, teremos algo inacabado, passível de contestamento, uma leitura ou um estudo em aberto, sem a pretensão de fechamentos e/ou cristalização de uma verdade, mas tão somente a construção de um olhar analítico sobre o romance a partir do nosso recorte temático.

Com isso, para construirmos a análise, utilizamos como enquadramento teórico Alfredo Bosi (1988), Antonio Candido (2007), Fábio Durão (2015), Massaud Moisés (2013), James Wood (2011) no que se refere aos estudos sobre os personagens e alguns aspectos da pesquisa em literatura; Antonio Negri (2003), sobre o biopoder agindo a partir de aparelhos normalizadores e disciplinares nas práticas mais comuns do cotidiano. Recorremos também ao filósofo português José Gil (2009), fazendo uma releitura sobre a mais valia do biopoder: entendendo a vida, no seu sentido geral, de maneira orgânica, cultural, afetiva e cultural; a vida ocupando o centro político na perspectiva de Michel Foucault (2011) sendo este o pioneiro sobre as noções de biopoder; Giorgio Agamben (2002), no qual discorre sobre as técnicas disciplinares que controlam o indivíduo aprofundando e atualizando os conceitos desenvolvidos por Foucault; Peter Pál Pelbart (2013, 2015), aprofundando os estudos sobre o poder *sobre* a vida e poder *da* vida encontrados em Foucault e Agamben; Rogério Almeida (2007), compreendendo a fusão entre pulsão de vida e pulsão de morte; Silvânia Sottani (2016), mediante a biopolítica dos afetos. Por fim, utilizaremos Vladimir Safatle (2016) e suas pesquisas sobre o circuito dos afetos.

O trabalho está dividido em dois capítulos teórico-analíticos, o primeiro intitulado “os fios invisíveis que tecem tramas de sentidos tênues em *o apocalipse dos trabalhadores*”, no qual abordaremos os aspectos metodológicos dos estudos literários, teremos também dois tópicos: [1.1] “por uma escrita em minúsculas: a construção da personagem em Valter Hugo Mãe” em que abordamos acerca do escritor e do estilo literário utilizado no romance, pois ao ser redigido em letras minúsculas tal escolha caracteriza a vida subalternizada dos personagens e a tentativa de igualdade entre eles. Conseqüentemente, discorreremos sobre a construção de Maria da Graça e Quitéria partindo das situações cotidianas e outros afetos, a saber: medo e esperança. [1.2] “paisagens biopolíticas na terra dos trabalhadores”, no qual fazemos considerações sobre o contexto de Portugal na época da ditadura salazarista, e os resquícios que perduram ainda no século XXI, mesmo com a abertura democrática; abordamos como a profissão desenvolvida pelos

personagens se dá na biopolítica, levando em conta Maria da Graça, Andriy e Quitéria, sobretudo, como o amor é operante na relação dos dois últimos personagens.

O segundo capítulo intitulado “*A inteligência mais secreta de todas: o amor e suas irradiações biopotentes vis-à-vis do biopoder*” no qual está dividido em dois subtemas: [2.1] “O amor é a inteligência mais secreta de todas, ou o afeto que humaniza. [2.2] “Por não caber no espaço tão pequeno: o amor como pulsão de vida e morte”, nessa parte da pesquisa centraremos na relação existente entre Maria da Graça e Sr. Ferreira, pois não há a concretização do amor entre eles em vida.

A motivação para estudar o romance de Valter Hugo Mãe a partir desse tema surge das inquietações promovidas pelo Programa de Iniciação Científica (PIBIC), CAP/UERN, por meio do projeto intitulado como Literatura e Biopolítica na Prosa Contemporânea Portuguesa: Um Diálogo Possível; também pela necessidade de ampliar as interpretações acerca do romance *O apocalipse dos trabalhadores*, uma vez que ao se tratar de um texto contemporâneo não apresenta uma demanda expressiva de trabalhos analíticos. O livro *Nenhuma palavra é exata* (2016), de Carlos Nogueira, é uma das pesquisas que se debruçam sobre as obras do autor, facilitando os estudos. Além disso, através das metáforas da sua literatura podemos problematizar as condições do sujeito contemporâneo e suas relações, tendo em vista afetos biopolíticos nos quais movem e impulsionam a existência. Assim, a presente narrativa de Valter Hugo Mãe é uma abertura para entendermos e sentirmos a condição humana mediante seus dilemas e complexidades.

## **CAPÍTULO 1- OS FIOS INVISÍVEIS QUE TECEM TRAMAS DE SENTIDOS TÊNUES EM O APOCALIPSE DOS TRABALHADORES**

*“as palavras, dizia, contêm tudo e se as evocarmos com a exactidão [...] estaremos a trazer para o nosso meio, de verdade, aquilo que dizem. não se deixe vencer pela primeira dificuldade, maria da graça, as palavras também tem caminhos, há que percorrê-los” (MÃE, 2017, p.73).*

O advento da teoria literária colocou a literatura como aspecto central no contexto dos estudos das ciências humanas, proporcionando-lhe certa autonomia. Enquanto pesquisadores, precisamos semear e cultivar a inquietação investigativa ao nos aproximarmos do objeto de estudo, seja este um conto, um poema, um romance e etc. Sendo assim, cotejarmos as inferências no texto, a partir disso sabemos se ele as confirma ou as rejeita tomando como ação central deixar que o texto ilumine nosso olhar, partindo dos detalhes e dos múltiplos sentidos dele mesmo em relação com o contexto. Em outras palavras, o próprio texto guiando o nosso caminho, sem precisar colocá-lo em categorias limitantes e/ou o encerrar. Dessa forma, precisamos levar em consideração as atitudes processuais de investigação por não se tratar de atos isolados.

Em vista disso, temos a vivacidade das obras literárias quando colocadas em ato, seja pela leitura ou escrita, pois “o romance na estante é uma potencialidade; apenas ao me confrontar com ele converte-se naquilo que é” (DURÃO, 2015, p. 379). Partindo disso, no que se refere à pesquisa em literatura, não devemos ver o texto apenas como objeto de apreciação. O ato de interpretar torna-se o centro da pesquisa em literatura, não existindo receita ou forma dadas anteriormente à interpretação.

À vista da interpretação, os sinais grafados que perpassam a superfície literária do texto não são transparentes. Se ao passar os olhos enxergássemos os sentidos ali postos, de nada valeria o trabalho tenaz da interpretação e pesquisa: “acontece, porém, que as palavras não são diáfanas, ainda quando miméticas ou fortemente expressivas, elas são densas até o limite da opacidade” (BOSI, 1988, p. 275). Dessa maneira, a escrita possui campos de força por vezes contraditórios, já que em partes



possui uma luz própria e dona de si e em devir. No texto há pistas, sinais e potencialidades a partir do ato de ler; na interpretação ocorre a eleição, busca-se inserir o que o texto quer dizer e como se diz, mediante um dado recorte investigativo.

Segundo Durão (2015), é impossível existir uma pesquisa sem interpretação ou vice-versa. A exemplo disso, no que diz respeito aos estudos literários, diferentes teorias e hipóteses podem surgir a depender do objeto escolhido. Contudo, vale salientar que o texto pode repelir e não acolher com clareza aquilo que foi posto sobre ele de antemão.

Diante disso, os próximos tópicos perceberemos como o escritor Valter Hugo Mãe constrói seus personagens dentro de *O apocalipse dos trabalhadores*, haja vista o viés da pesquisa: o biopoder atravessando a condição social e de trabalho dos personagens; recaindo *sobre* a vida, aprisionando-a em suas diversas instâncias; em paralelo, há a biopotência, na qual configura o poder *da* vida, buscando meios para se manter e existir apesar das capturas do poder. Entendendo que ambos coexistem e constituem a biopolítica enquanto esfera macro.

A vivência dos personagens se dispõe a partir das situações do cotidiano, diante de contextos difíceis, na cidade chamada Bragança. A princípio temos duas diaristas dividindo os mesmos espaços, tanto no que diz respeito ao trabalho, quanto aos sabores e a dissabores da vida, todavia possuem finais distintos. Limpando casas e chorando em sepultamentos, essa é a rotina de Maria da Graça e Quitéria, dispensadas das coisas necessárias e sagradas do viver. Na narrativa, os sonhos perpassados pelo pesadelo, os aspectos transcendentais, o modo como a protagonista se põe às portas do céu intercedendo a São Pedro para encontrar o amado corroboram ainda mais para as pulsões de vida e morte.

O motivo decorre por causa de um homem de setenta e seis anos chamado Sr. Ferreira. O patrão, que no início da aproximação “punha-se de longe a vê-la pelos chãos a encerar as madeiras” (MÃE, 2017, p. 156), começa irritá-la com conversas íntimas, em seguida, põe-se nela com muita vontade sendo seu estupor<sup>2</sup>, estreitando assim a relação e causando na personagem frenesis ao dormir, tendo em vista que temos exploração e violação de maneira dupla, de gênero e de classe.

A personagem Quitéria, melhor amiga de Maria da Graça, gosta de se relacionar com rapazes jovens, diante disso, conhece Andriy, um imigrante que chega

---

<sup>2</sup> Característica dada, pelo próprio narrador, ao personagem Sr. Ferreira.

a Portugal no intuito de conseguir recursos para manter os pais na Ucrânia, tendo em vista a fome e a grande crise econômica do país do leste europeu. No entanto, o personagem percebe a situação não favorável dos portugueses diante da disponibilidade de trabalho, conseguindo com muita dificuldade ser controlador de forno em uma pizzaria e ao mesmo tempo operário de construção, pois para sobreviver também precisava de mais de um emprego.

Dessa forma, este capítulo se divide em dois tópicos, o primeiro intitulado “por uma escrita em minúsculas: a construção da personagem em Valter Hugo Mãe”. O uso dessa titulação parte do próprio romance, pois ao escrever em minúsculas o autor retrata a vida subalternizada da protagonista mulher-a-dias. Por fim, discorreremos sobre a vida do escritor e o estilo literário adotado por ele no romance. Posteriormente, abordaremos a construção das personagens Maria da Graça e Quitéria diante das vivências de ambas, traçando um paralelo com os afetos medo e a esperança, pois entendemos que não existem afetos isolados; no segundo, analisaremos o contexto biopolítico de Portugal e pincelando sobre as vivências e a relação dos personagens Andriy e Quitéria para aprofundarmos a análise sobre os dois casais no capítulo dois.

### **1.1 Por uma escrita em minúsculas: a construção da personagem em Valter Hugo Mãe**

A literatura contemporânea produzida recentemente demonstra uma mudança, tanto em termos práticos quanto conceituais. Dessa forma, Valter Hugo Mãe e demais escritores preocupados com o tempo presente produzem narrativas heterogêneas nas quais percalços decorrentes do passado do país aparecem, seja ele de tempo remoto ou tempo recente, pois existe um “argumento mais amplo é o que afirma que a literatura é, ao mesmo tempo, artifício (ficção) e verossimilhança, e que não há nenhuma dificuldade em unir esses dois aspectos” (WOOD, 2011, p. 12). A escrita literária após a Revolução dos Cravos<sup>3</sup> possuiu uma abertura para discutir assuntos difíceis sobre a nação portuguesa, e conta com escritores como José Saramago,

---

<sup>3</sup> Segundo Walder Góes (2007) a Revolução dos Cravos deu fim ao regime ditatorial salazarista/marcelista em Portugal no dia 25 de Abril de 1974. Liderada por militares, a Revolução de Abril marcou a transição para a democracia portuguesa. Possui esse nome porque houve a distribuição, feita de início pela florista Celeste Caeiro, de cravos vermelhos entre civis e soldados (que colocaram na ponta dos seus fuzis).

António Lobo Antunes, Augustina Bessa-Luís, Gonçalo M. Tavares, entre outros que produzem suas literaturas a partir da perspectiva de revisão crítica da história.

Desse modo, temos a necessidade de denúncia, tendo em vista a crença no discurso único e oficial sobre o passado e nas utopias que retratam futuros idealizados, pois existe uma urgência para se pensar o aqui e o agora “por que não haverá ninguém com interesse ou se quer com tempo para o fazer. que angústia. é haver gente a querer deixar uma marca para o futuro e o futuro estar sobrelotado” (MÃE, 2017, p. 20). Logo, as personagens que compõem o enredo de *o apocalipse dos trabalhadores* vivem como se imaginassem pouco ou nenhum futuro, quase se conformando com isso.

São descritos nos romances do autor o dia a dia dos imigrantes, classes trabalhadoras, mulheres e outras pessoas comuns que estão à mercê na sociedade devido ao neoliberalismo, ao preconceito, ao desamparo, à falta de oportunidade e de bons afetos, trata-se dos “defeitos em minúsculas particulares que se esfacelavam em pó muito volátil” (MÃE, 2017, p. 176). Percebe-se que a escrita de Valter Hugo Mãe busca compreender o mundo; expressa a condição do outro desde o estilo formal adotado.

Diante disso, o texto possui uma proposta tipográfica toda em letras minúsculas, a pontuação utilizada busca aproximar o texto da oralidade já que não há interrogação “a maria da graça trouxe cor a esta casa, eu já disse isso.” (MÃE, 2017, p. 20). Perceba que no final haveria uma pontuação interrogativa, mas não ocorre porque ao pensarmos estamos preocupados em formular ideias sem marcações gráficas. Ocorre também a falta de diferenciação das falas, tanto dos personagens, quanto a do narrador no discurso indireto livre. Para nós leitores dos seus textos isso diz muito, pois seria um modo de atenuar as hierarquias até mesmo das palavras. Além disso, é o único livro da tetralogia das minúsculas escrito em terceira pessoa no qual tem uma mulher como protagonista.

A construção de seres fictícios ecoa e interfere no mundo, por se tratar de um devir-pessoa “os seres fictícios construídos à [...] semelhança dos seres humanos: se estes são reais, aqueles são pessoas imaginárias; se os primeiros habitam o mundo [...], os outros movem-se no espaço arquitetado pela fantasia do prosador.” (MOISÉS, 2013, p. 358), contribuindo de modo significativo para a problematização do que se é real.

Nos tempos de Aristóteles, assim como nos dias de hoje, a personagem é utilizada como objeto de análise, exceto para alguns dos teóricos gregos que a viam sob à luz da irrelevância, já que para esses a trama dos fatos protagonizava no enredo. Em outra perspectiva, segundo Moisés (2013), há aqueles que consideram a personagem como principal aspecto de sustentação do romance, a ponto de nos debruçarmos sobre aqueles que revelam a nós mesmos. Diante disso, segundo Ian Watt (2010), o romance reflete uma reorientação individualista e inovadora em sua forma literária, inclusive na modernidade ocorre uma valorização ainda maior desse operador narrativo. Sendo assim, existe uma correlação empírica entre os personagens e as suas ações, é de ambos que nascem as ideias, os temas e os motivos no texto. Inclusive, é a partir da protagonista e dos demais personagens que o escritor problematiza o amor e as questões que envolvem o esforço físico, levando em conta o trabalho, como podemos perceber na passagem a seguir:

és uma empregada, dizia-lhe a amiga, a menos que esses homens tenham inventado o cif líquido marine não me parece que te façam mais felizes. fazem-me mais tristes, eu sei, mas estiveram sempre convencidos de que a obra que a deixaram me haveria de fazer feliz. não pense nisso, mulher, trabalha e avança [...] a vida é difícil o suficiente para se exigirem responsabilidades pelo que dela fazemos. (MÃE, 2017, p. 36)

Limpar casas e colocar em ordem os grandes palácios portugueses sem dar conta, por vezes, até da própria vida, essa era a rotina de Maria da Graça. Desde muito nova, a começar nos seus doze anos, ela precisou trabalhar como diarista para se manter enquanto sobrevivente: “lavo roupa e limpo casas em toda a parte e não sei fazer mais nada. não sei fazer amor” (MÃE, 2017, p. 178), hesitando sempre em pensar sobre qualquer coisa, menos sobre isso.

A diarista tinha apenas um anseio, o de conseguir o seu dinheiro, pois precisava apenas do comer e do vestir, sem acreditar nas teorias sobre a paixão e o amor, por entender que isso não lhe traria bons proveitos, ou melhor dizendo, “não lhe parecia nada de pôr na sopa” (MÃE, 2017, p. 178), utilizando-nos da voz do narrador, trazendo a da personagem. Era, portanto, no instrumento de tortura, partindo da etimologia da palavra trabalho (*tripalium*), que Graça procurava encontrar saídas para as suas tormentas, naquilo que se fazia efêmero diante das bolhas de sabão. Partindo

desse recorte, o trabalho atua enquanto estrutura fundamental dentro do biopoder, pois aprisiona a vida da mulher-a-dias na narrativa.

O biopoder é o “conjunto de mecanismos pelos quais aquilo que constitui as características biológicas humanas permite entrar em uma política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (FOUCAULT, 2008, p.3). Sendo assim, a característica e estratégia política do labor (usando propositalmente essa palavra, pois tem uma sonoridade expressiva que recai na dor) é reduzi-la ao ponto de se julgar adiantada na vida; apenas estar ali para o cumprimento dos seus ofícios, devido à idade de quase quarenta anos, a esperar quase nada do porvir.

Seu nome completo era Maria da Graça Pragal e vive “sem recebidos, nem impostos, como se faz no crime” (MÃE, 2017, p. 118). É contraditório ter ao mesmo tempo o codinome da graça e da desgraça, ao passo de refletir de modo tão intenso suas vivências e dizer muito sobre ela. Diante disso, procuramos imaginar fios invisíveis na trama de Valter Hugo Mãe para tecer linhas de sentidos tênues através dos afetos. Percebe-se que na narrativa a necessidade de trabalhar, incansavelmente sem tirar férias, acompanha-a a todo momento como um aspecto de infortúnio: “quisera eu que me pagassem de lei, com descontos e reformas para velhas, porque na vida que ando envelheço, mas não devia” (MÃE, 2017, p. 118). A protagonista tem no trabalho uma forma de apaziguar o sofrimento, o corpo cansado e esgotado a faz esquecer dos seus problemas, mas reconhece que não deveria ser assim.

Os dias da personagem se esvaem no entorno do esforço físico e das relações com os demais personagens, exceto quando interage com sua amiga Quitéria, já que essa, no decorrer da narrativa, mostra caminhos de esperança e persistência como podemos perceber no trecho: “estás louca, mulher, dizia-lhe a amiga, és uma cachopa nova e ainda tens muito terreno para plantar” (MÃE, 2017, p. 27).

Diante disso, não se pode existir esperança sem pressupor o medo ou vice-versa porque existe uma profunda aproximação entre os dois afetos. Assim, o medo se configura a partir da personagem protagonista, ao passo que a esperança se constitui mediante a cumplicidade de Quitéria como nos mostra o recorte a seguir: “quitéria, fiquei sem trabalho. são quatro da manhã [...] a esta hora ninguém tem trabalho. preocupa-te com isso a horas de jeito. vou comer sopa para a tua casa. e ainda comes uns bifos de peru, que não sou ninguém de te fechar o frigorífico [...]” (MÃE, 2017, p. 88). Sendo que aos poucos a protagonista vai perdendo o medo “a

maria da graça deixou os panos e saiu porta a fora sem orgulho nem medo.” (MÃE, 2017, p. 179).

Dessa forma, “medo e esperança são, a sua maneira, dois afetos complementares, pois estão vinculados em sua dependência mútua em relação à temporalidade da expectativa, temporalidade do acontecimento por vir, seja ele positivo ou negativo” (SAFATLE, 2016, p. 33). Nesse sentido, a amiga achava que Graça precisava se encontrar, pois a vida já era difícil o suficiente para ficar a pensar apenas no trabalho. Os encontros e desencontros da protagonista se dão a partir do circuito amoroso com seu patrão Sr. Ferreira, no qual se caracteriza na complexidade desse “odioso amor”. Por vezes, achava-se estúpida ao esperar que um homem como ele quisesse algum comprometimento, pois já lhe dava tudo por apenas alguns euros a cada mês.

A literatura possui a representação e criação de mundos próprios, como também se estrutura de maneira política, à face do exposto, talvez seja preciso compreender esse quase-mundo a partir de uma construção social, conquanto fictício, perpassado em seu nível fundamental pelos circuitos de afetos reais. Por causa disso, “devemos ter sempre em mente que formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos [...] elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definido” (SAFATLE, 2016, p. 8). Assim, compreenderemos o afetar-se como pulsões nas quais atingem profundamente o ser de maneira a incitá-lo à ação ou à passividade no âmago do corpo e do espírito à luz dos campos dos possíveis, das potências, dos vínculos afetivos delineados por Valter Hugo Mãe na narrativa. A seguir, contextualizaremos sobre a paisagem do romance, tendo em vista as questões biopolíticas nas quais percorrem a vida dos personagens trabalhadores, em específico no que diz respeito ao biopoder operando na práxis do fazer/trabalhar.

## **1.2 Paisagens biopolíticas na terra dos trabalhadores**

A pobreza e a falta de dignidade devido à crise econômica em Portugal na primeira década do século XXI, apresentam-se como aspecto central no presente livro. Logo, isso assola a vida dos trabalhadores portugueses, tendo em vista que o romance toca, para além do valor monetário, em particular, na falta dos direitos

primordiais e básicos para a existência humana, como também no âmbito da exclusão social. Depois do salazarismo, e os percalços deixados por esse período político, as regiões portuguesas buscaram manter, em situações preocupantes, o combate à miséria e melhorar os recursos que possibilitam a manutenção da vida digna como: saúde, trabalho, alimentação, educação e lazer. Com efeito,

Enquanto no regime soberano a vida não passa de resíduo, o resto, deixado estar, poupado ao direito de dar a morte, no biopolítico é a vida que acampa no centro de um cenário de que a morte é apenas o limite exterior ou o necessário contorno. E mais: enquanto no primeiro caso [soberania] a vida é olhada pelo ângulo de visão aberto da morte, no segundo [biopolítica] a morte só adquire relevo no feixe de luz emitido pela vida. (ESPOSITO, 2010, p. 58)

Desse modo, a vida está centralizada no enredo lusitano mesmo diante de um cenário propício à morte, tendo em vista o contexto que perpassa os personagens portugueses depois da ditadura salazarista. De acordo com David Birmingham (2015), a ditadura liderada por António de Oliveira Salazar começa em 1926 e durou até 1968, a longevidade desse regime se deu a partir da rígida centralização de poder. Quando atuou no cargo de Ministro de Finanças, Salazar adotou um plano de ajuste estrutural no qual os mais pobres eram penalizados. No ponto de vista da economia internacional, Portugal estava inserida na parte atrasada e pouco industrializada, cuja produção estava baseada na agricultura tradicional (monocultura), inclusive resistente à modernização.

No romance, os personagens que habitam a parte mais carente da cidade são as classes das diaristas/carpideiras (Maria da Graça e Quitéria) e do controlador de forno/operário de construção (Andriy). Eles sentem os estilhaços do regime devido à falta de emprego, principalmente ao baixo salário que recebem. Mesmo se passando quase um século após, o escritor problematiza os resquícios desse sistema de governo ditatorial mediante a condição econômica das figuras inseridas na conjuntura socioeconômica portuguesa, na qual estão a serviço como podemos notar no trecho a seguir:

a quitéria respondeu, fomos nós que limpamos tudo. dizia-o como se esperasse que as deixassem entrar, cumprimentar o presidente da república, talvez, e até comer entre os políticos e empresários mais respeitáveis do norte aquelas comidas de vários garfos e facas. [...] no

seu olhar, perante o levado dos colarinhos protocoladores, atonou a ingenuidade mais pura, uma esperança pequenina mas tão bonita de achar que alguém a colocaria de igual com o próprio presidente da república. (MÃE, 2017, p. 138)

O casarão que as duas amigas limpavam pertenciam ao Estado nacional. Quitéria ficava a vislumbrar um espaço de igualdade em Bragança. No entanto, na alta sociedade não havia espaço para elas e por mais que não quisessem sair daquele lugar sabiam não pertencer àquela camada, em que os políticos e empresários estavam ou, como a passagem retrata, os colarinhos protocoladores. Em vista disso, trata-se do biopoder em suas múltiplas formas: “poder econômico, poder político, poder social e existencial, poder sobre as possibilidades de vida – em resumo, poder sobre a vida” (GIL, 2009, p. 47).

Nesse sentido, como diaristas, limpavam as casas dos outros e com as lágrimas direcionadas também aos outros lavavam-se interiormente, haja vista as duas atuarem como carpideiras contratadas para chorar em sepultamentos de outrem. Nesse caso, o ato de chorar também é atravessado por esse jogo biopoder/biopotência, pois se por um lado as personagens estão apenas para o trabalho, tendo a vida reduzida a isso; por outro se libertam das angústias interiores quando estão nessas ocupações. Por isso, em várias cenas, o choro e o riso aparecem quando estão velando os mortos.

No romance, contratadas por agentes funerários, os cangalheiros em Portugal, de vez em quando Quitéria e Maria da Graça participavam de funerais para ganhar uns cinquenta euros, pois para elas custava muito menos do que estar a esfregar chão ou passar roupas. Em uma fala emblemática a amiga da protagonista diz: “o que nos vale é que somos tão do fundo da sociedade que nem temos direitos a ir abaixo, já estamos lá por natureza” (MÃE, 2017, p. 120). Ambas, portanto, tornam-se *vidas nuas*. Esse conceito sobre a vida que merece ser vivida ou àquela desprovida dos seus direitos constitucionais e que por isso podem ser desqualificadas/desperdiçadas parte dos pressupostos teóricos do filósofo italiano Giorgio Agamben.

Precisamente em *Homo Sacer I*, o pensador chega a problematizar a existência da produção da *vida nua* pelo viés do poder soberano; uma vida sacra, ou seja, matável. “Sacro aqui não pode ter outro sentido senão aquele que o termo tem no direito romano: sacer é aquele que foi excluído do mundo dos homens e que, embora não podendo ser sacrificado, é lícito matar sem cometer homicídio” (AGAMBEN, 2013,



p. 79). Dessa forma, um ser privado daquilo que lhe é básico para se manter enquanto (sobre)vivente como a passagem nos mostra “a maria da graça confirmava, nunca tivera um tempo de férias e não sabia quase nada de sair de trás-os-montes” (MÃE, 2017, p. 166), percebemos isso quando em conversa com Quitéria a protagonista diz ter arrumado um outro apartamento para limpar nas terças, no período da tarde, tendo como salário quatro euros a hora. A amiga acha um valor injusto, concluindo que estão morrendo à fome, não apenas elas, mas inúmeras pessoas no mundo inteiro devido à grande recessão econômica. Diante disso, na obra *O homem sem conteúdo* (2012) Agamben afirma:

todo “fazer” humano é interpretado como práxis, atividade produtora concreta (em oposição à teoria, entendida como sinônimo de pensamento e contemplação abstrata), e a práxis é pensada por sua vez a partir do trabalho, isto é, da produção da vida material, correspondente ao ciclo biológico da vida. E esse agir produtivo determina hoje, em toda parte, o estatuto do homem sobre a terra, entendido como o vivente (animal) que trabalha (laborans) e, no trabalho, produz a si mesmo e se assegura o domínio da terra. Mesmo onde o pensamento de Marx é condenado e refutado, o homem é, hoje, em toda parte, o vivente que produz e trabalha. (AGAMBEN, 2012, p. 120).

Dessa maneira, para existir, o homem trabalha, isso o mantém vivo de modo a garantir uma produtividade em todos os âmbitos da sua existência, já que desde os primórdios, é lícito a ele comer do fruto do seu trabalho. Conquanto, esses aspectos de dignidade humana mediante seus esforços serviram na cultura ocidental como armadilha para aprisionar os corpos e mentes, tendo em vista que na meritocracia muitos não precisam chegar a tanto para conseguir elevação econômica, em detrimento de outros nos quais dedicam suas vidas apenas ao trabalho e não conseguem garantir o básico. Nesse sentido, assim como as mulheres-a-dias, o personagem Andriy também é um sobrevivente em meio a uma Bragança desigual. Ekaterina, mãe de Andriy, leva o filho até o comboio para adquirir bilhetes de viagens e recomenda para prestar atenção nas indicações do avião, já que em breve esse sairia do país para desembarcar em Portugal.

Então, via-o partir “como se entrassem pela terra adentro morrendo e não havia como consolar-se de sentir o corpo afastando-se do seu [...] tão aflita e sozinha na karosten subitamente devastada para si” (MÃE, 2017, p. 49). Valter Hugo Mãe

captura, na reciprocidade do sofrimento, a ligação existente entre portugueses e ucranianos com a finalidade de apontar problemas universais que afetam a todos mediante os problemas da vida, assumindo um quê de paralelismo, mesmo cada um tendo suas peculiaridades históricas e em comum as crises nas esferas políticas, sociais e econômicas.

De acordo com os teóricos Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (2002), no que se refere aos personagens enquanto signo narrativo, submetidos a procedimentos de estruturação, vale salientar a funcionalidade e peso que esses admitem em caráter específico dentro do romance. Dessa maneira, Andriy enquanto personagem secundário, possibilita a inferência do corpo mecânico perpassado pela práxis do fazer/trabalhar. Percebemos o esgotamento físico dele quando a intenção é de conseguir cumprir a promessa de retornar em breve ao seu país de origem e ajudar seus pais:

o andriy retomou o trabalho e carregou cada pedra, cada bocado de areia como quem carregava um dinheiro pesado e o amontoava à vista de toda a gente. a obra crescendo e ele chegando mais e mais perto da felicidade. pensava, o tempo vai compor tudo se ao longo do tempo cada objetivo se cumprir. resultados, pensava, resultados. sorriu, mesmo que os pais tivessem emudecidos para sempre. (MÃE, 2017, p. 96)

Ao chegar em Portugal, Andriy se hospeda no apartamento do amigo. No entanto, depois de horas de espera, o personagem decide visitar os cafés de Bragança à procura de emprego. Levava consigo um papel escrito “trabalho” em português junto ao seu nome. No meio do trajeto, deparou-se com situações difíceis para um imigrante, como por exemplo, chegar em lugares e não ser compreendido por causa do sotaque ucraniano. Longe dos seus pais, do seu espaço, nada lhe parecia fazer sentido, até o contrassenso lhe parecia mais lógico. Andriy saía sem se explicar, porém o que esperava era ter um modo de ganhar dinheiro.

O recorte do romance nos mostra, o imigrante busca seu objetivo trabalhando como operário de construção, pensando de maneira central que acabaria nas obras como todos os demais. No entanto, seu primeiro emprego foi em uma pizzaria enquanto controlador de forno: “insistiu apontando para o papel e lendo como podia a palavra *trabalho*, [...] *trabalho*, [...], *trabalho*” (MÃE, 2017, p. 66, *grifo nosso*). A cacofonia provocada de modo proposital a partir da repetição das palavras em

destaque emite o eco de socorro de Andriy, pois seu anseio era conseguir uma ocupação para não morrer de fome. No enredo o proprietário da pizzaria sorri e no final lhe aceita como empregado, pagando apenas trezentos euros ao mês. Diante disso, os desafios para garantir a subsistência faz o personagem, a partir do esforço físico, perder sua vontade e desejo, tornando-o quase vazio de seus bons afetos.

É no encontro com Quitéria, do vínculo, da intimidade que ambos despertam suas paixões, que uma espécie de fuga do presente aparece para ambos, ao passo de provocar novos encontros, permitindo outros movimentos e arranjos afetivos. Como se desfrutando disso pudessem mudar de pele ou até mesmo não serem mais quem eram: um jovem de vinte e poucos anos a pensar apenas no trabalho e uma mulher-a-dias esgotada, haja vista que desde os seus vinte e três anos estava “nas casas a limpar pó, aspirar, passar ferro” (MÃE, 2017, p. 60) e a receber um salário muito aquém do que se tinha por direito.

Diante disso, “há momentos em que os corpos precisam se quebrar, se decompor, ser despossuídos para que novos circuitos de afetos apareçam”. (SAFATLE, 2016, p.23). Além de conduzir a protagonista, Quitéria também dispõe um caminho de possibilidade para o personagem ucraniano, na narrativa caracterizado como homem-máquina. Essa nomenclatura o define, pois Valter Hugo Mãe o constrói enquanto aquele que tentou substituir o sangue por óleo, a despejar para os outros órgãos como em um motor numa espécie de transfiguração, pois antes estava para as regras básicas de sobrevivência e em progressiva metamorfose.

No entanto, ao procurar Quitéria, Andriy a enxergava como uma peça se encaixando de maneira equilibrada, pacificando cada assunto da sua vida. Em *O apocalipse dos trabalhadores*, se o biopoder constituído na forma de trabalho e esforço físico aprisiona a vida, o afeto amor passa a ser local de resistência e contraponto. Nesse sentido, por intermédio da força afetiva, a relação entre os personagens produz a biopotência, pois, na perspectiva de Pelbart (2015), trata-se da vida enquanto potência política na qual varia suas formas, em específico, diante dos retrocessos e falta de direitos em Portugal. Partindo disso, não há apenas indivíduos, mas uma coletividade.

A exemplo disso, no intercruzamento entre ucranianos e portugueses, não se tece uma troca ao modo mercantilista; apenas se integram uns aos outros sendo capazes de somar/amar sem perderem as singularidades. Giorgio Agamben (2013), em *A comunidade que vem*, problematiza a centralidade do que é coletivo sem esperar

o futuro. Sendo assim, a vivência dos personagens trabalhadores corrobora com essa ideia em razão de compreender o porvir a partir do agora e em coletividade, pois “é como haver muita gente a querer deixar uma marca para o futuro e o futuro estar sobrelotado” (MÃE, 2017, p. 44). Dessa maneira, o livro também constitui uma reflexão sobre o individualismo exacerbado presente no mundo contemporâneo, sem romantizar o elo humano e comunitário. No próximo capítulo nos debruçaremos sobre os personagens centrais Andriy, Quitéria, Sr. Ferreira e Maria da Graça para pensarmos sobre como o afeto amor é capaz de humanizar conforme a pulsão de vida e morte advindas do circuito afetivo traçado entre eles.

## **CAPÍTULO 2 - A INTELIGÊNCIA MAIS SECRETA DE TODAS: O AMOR E SUAS IRRADIAÇÕES BIOPOTENTES VIS-À-VIS DO BIOPODER**

*“O amor é, segundo Lacan, uma relação que nos desampara, mas que nos recria. A reflexão sobre o amor demonstra seu interesse político na medida em que abre a compreensão para formas de reconhecimento entre os sujeitos que, ao menos por um momento, deixam de querer ser determinados como pessoas individualizadas” (SAFATLE, 2016, p. 14).*

Lançamos mão das experiências humanas quando lemos e pesquisamos, pois o modo de viver e sentir o mundo são de certa forma mobilizados. Partindo disso, questionamos, indagamos, duvidamos e concordamos conforme as atitudes estabelecidas entre leitor e texto já que o ato de pesquisar tem a possibilidade de possuir contornos muito próprios e porque não dizer: desafiadores. Sendo assim, no romance temos fatos organizados em séries e personagens que os vivem, nos dando a oportunidade de verificar múltiplas questões sobre aspectos nos quais viabilizam quem somos.

No humano há aspectos que o constitui enquanto ser, as relações, por exemplo, contribuem para processo de humanização. Diante disso, o ser humano constrói um relacionamento com o mundo, com o outro, consigo mesmo e com o âmbito divino. Ao longo do tempo, o coletivo influencia de maneira gradual tanto o indivíduo quanto as esferas sociais, englobando crenças e demais aspectos transcendentais. Desse modo, precisamos do outro, pois sem eles não teríamos como justificar quem somos ou por que somos. O teórico Alexandre Henz (2009), em *abecedário educação da diferença*, afirma que o viver pressupõe o afetar-se mediante um outro.

Somos em si influenciados, ao nascermos já temos a predisposição de nos encontrar em um sistema social existente e a partir das inter-relações nos (re)construir. Diante disso, nos relacionamos por causa de inúmeros motivos dentre os quais destacamos: a necessidade de se comunicar, aprender, ensinar, mas principalmente para nos posicionar e exigir condições de nos mantermos, tendo a possibilidade de ter uma vida mais digna.

Indivíduo dentro dos seus padrões sociais, vive em sociedade, como membro do grupo, como “pessoa”, como “socius”. A própria consciência da sua individualidade, ele a adquire como membro do grupo social, visto que é determinada pelas relações entre o “eu” e os “outros”, entre o grupo interno e o grupo externo (RAMOS, 2003, p. 238)

Partindo dessas considerações, o trabalho que é desenvolvido pelo escritor constrói um mundo ficcional capaz de apontar para uma realidade externa ao texto. Os personagens tornam-se em devir-pessoa a partir da linguagem e nos dá meios para problematizar os âmbitos sociais do tempo presente ou não, as relações, os vínculos, tendo em vista que a literatura possui um caráter verosímil.

Dessa maneira, "a personagem que vai delineando aos olhos do leitor, montada unicamente com os recursos oferecidos pelo código verbal, passa a ter uma existência que carrega em si toda uma crítica" (BRAIT, 1985, p. 20). Conseqüentemente, a linguagem é o ser da literatura no sentido de estar contida na ação de escrever, de criar, mas também por nos apresentar um teor crítico a partir dos seres fictícios e dos elementos que constitui uma narrativa. Conforme nos aponta Antonio Candido (2007), o romance tem como base a relação entre o ser vivo e o ser fictício, no qual se manifesta por meio da personagem, ocorrendo, portanto, a concretização deste. Nas produções modernas/contemporâneas notamos personagens fluidos, ou seja, sem esquemas fixos ou delimitados quanto as características e situações cotidianas, nas quais podem surpreender o leitor.

Neste caso, deveríamos reconhecer que, de maneira geral, só há um tipo eficaz de personagem, a inventada; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada (CANDIDO, 2007, p.17).

Diante desses apontamentos sobre a personagem de ficção as próximas subseções buscam analisar o amor biopotente capaz de humanizar os personagens d' *O apocalipse dos trabalhadores* (2017) a partir do encadeamento de acontecimentos e de experiências dos casais centrais do enredo no intuito de compreendermos como o amor (Eros) e a morte (Tânatos), à luz da biopolítica/biopotência, configura-se

enquanto pulsões de vida e de morte, como também problematizar aspectos reais que nos cercam.

## **2.1 O amor é a inteligência mais secreta de todas, ou o afeto que humaniza**

O amor capaz de humanizar consiste nas relações mais íntimas construídas dentro do enredo. Os casais, principais a todo momento, irradiam afetos biopotentes. Na inteligência mais secreta de todas, existe a oportunidade única de se humanizar quando percebemos o desfecho de cada personagem, mostrando as duplas faces da afetividade frente ao biopoder.

Os personagens Andriy e Quitéria aceitam a ferocidade do cotidiano, o amor atravessa os dias pelo lado mais sensível de um abraço, ambos descobrem o sentido de estarem ali um para o outro, promovendo a existência. Conseguir recursos, chegar na agência de viagens, comprar as passagens, levar até Andriy e o fazer retornar a Korosten nos mostra o quanto esse trajeto possui uma significação biopotente. Levando em conta todo o percurso traçado por Valter Hugo Mãe a respeito dos personagens, são essas aberturas de possibilidades que nos fazem perceber a importância das relações e seus afetos, pois denotam atitudes cheias de potência de viver.

A aproximação dos dois, no início, consiste no aspecto maquinal por se afeiçoarem apenas pelo encaixe anatômico que favorecia a intimidade sexual, combinando entre si um acordo de não se envolverem profundamente: “o andriy procurou a quitéria sem grandes rodeios. não era uma inversão na sua mutação para máquina, era apenas uma peça se encaixando” (MÃE, 2017, p. 74). Diante disso, o personagem não quer dramatizar, muito menos pensar em emoções. Seu anseio estava em atingir a satisfação pessoal a partir do dinheiro: “a felicidade, disse-lhe, é posta diante de nós como uma extremidade do dinheiro” (MÃE, 2017, p. 160) e do sexo como quem toma um medicamento e mais nada, pressupondo um aniquilamento individual.

No entanto, Quitéria dissemina e alastra o amor enquanto biopotência, a partir da perspectiva de Antonio Negri (2003), incorporando o desejo, a inteligência e a cooperação, implicando em outras inversões e afirmações sem unidades limitadas ou

iguais. Ocorre, portanto, o transitar, o mover-se entre, rearticulando-se como se ver no trecho:

o andriy sorria de vez em quando, carregado de palavras que tombavam por ele adentro como apenas espaços de som, sem sentido, que nem era capaz de guardar. com isso, deixava-se a ver o pôr-do-sol acelerando ao fundo dos montes e ia segurando a mão de quitéria para ter a certeza de que ela não lhe fugia e estaria a salvo (MÃE, 2017, p. 166).

Sendo assim, temos um processo de reconstrução a partir da alteridade, por meio do acolhimento e da responsabilidade. Acontece uma apropriação, porém, não há intenção de o reduzir. Do contrário, ambos continuam sendo eles mesmos e não agem como outro eu, mas permitem relacionarem-se. Por mais que os personagens não quisessem pensar, falar ou incluir o outro em suas vidas, resumindo a relação apenas ao prazer do eu, eles rompem e abrem espaço para uma exterioridade humanizadora: “mas ao centro do peito algo se modificava, muito à revelia do que imaginava. Como se a máquina ganhasse guelras, por exemplo, e ele pudesse, querendo, respirar debaixo de água” (MÃE, 2017, p. 106). Dessa maneira, o homem máquina se esvai gradativamente, seja através do choro de Andriy na frente de Quitéria, seja ao declarar seu amor para ela, pedindo para não soltar as suas, por querer ficar sempre perto ou simplesmente ao olhar o pôr-do-sol juntos. Temos um retorno à condição humana do personagem quando revela seus medos e saudades como também ao se jogar no sofá chorando calmamente parecendo lavar aos poucos suas angústias, sentindo no tocar de suas mãos a suficiência de ser feliz ao lado de Quitéria.

Concomitantemente, por vezes a mulher-a-dias se sentia como uma pedra, querendo negar seus sentimentos pelo ucraniano, porém decide inclui-lo de modo gradual nas vivências, até que começa a fazer economias ajudando nas despesas aéreas, pois embora fosse uma viagem de poucos dias, o imigrante não teria condições para custear devido sua condição financeira “o andriy compreendeu que a quitéria o ajudaria à regressar à ucrânia [...] uma viagem era coisa para mais de um salário e ele não ganhava o suficiente para ignorar um mês inteiro de vencimento” (MÃE, 2017, p. 175). Aos poucos, percebemos os personagens se humanizando à revelia do sistema no qual tenta a todo momento desumanizá-los, tudo isso decorrente dos vínculos afetivos entre eles. Diante disso, “não pode haver dúvida de que a



irrupção de uma apaixonada exigência de amor é, em grande parte, trabalho da resistência” (FREUD, 1915a/1996, p. 180). Nesse sentido, a exigência de amor recai nos personagens fazendo-os prosperar a vida, ganham juntos novos encorajamentos mesmo diante das adversidades cotidianas. Andriy chega à casa de Quitéria depois de um dia exaustivo e de modo silencioso deita na cama como se aos poucos fosse perdendo o combustível. Beijou-lhe nos ombros num ato de intimidade, pedindo para abandonar os medos, assumindo algo fundamental entre os dois, sendo a primeira vez que partilhavam o mesmo espaço sem se importarem com o pacto existente: estar ali apenas para o sexo como nos mostra o excerto:

primeira vez, numa quebra de tudo. numa falha que o impunha à quitéria, irremediavelmente vulnerabilizando-se e, sem o formular, confiando nela, como dependendo dela, oferecendo-se e aceitando-a também. [...] o amor tão mal explicado podia ser todo definido assim. por tão improvável que fosse tal modo de exercer, o amor já era assim, era aquilo, e o andriy não o renegou, tão avariada máquina, permanecendo à mercê daquela mulher e, pela primeira vez na sua vida a noite inteira (MÃE, 2017, p. 108-109).

Agora um ao outro estão a se velar. Quitéria guarda o sono de Andriy, ele sentindo seu afago pode descansar das preocupações, pois não existia mais a necessidade de se submeter à vigília das máquinas. No sono nos abandonamos aos cuidados de um outro alguém, é um apoio mútuo, estabelece-se um vínculo de confiança mesmo que esteja danificado. Às vinte horas, o personagem, bem mais cedo do que Quitéria imaginava, retorna do trabalho e bate à porta com os olhos cheios de lágrimas a lhe contar sobre a saudade que sentia dos pais, sem notícias sobre eles há mais de dois meses acreditava que já estariam mortos. Ficava a sonhar com a ceia de natal, as reuniões em família com pratos típicos de celebração, “quitéria decidiu estender-lhe a mão e ficou disposta a que ele lhe pedisse imediatamente o braço” (MÃE, 2017, p. 111) como uma mãe a se compadecer do filho. No entanto, como uma mulher madura, experiente, responde com um “eu te amo”. Em seguida, coloca a louça na banca para se ocupar apenas com ele depois de jantarem.

Notamos a partir da concepção de afeto segundo Diana Klinger (2014) os modos de subjetivação, principalmente no que se refere ao escape dos modos favorecidos pelo poder *sobre* a vida. Os questionamentos que atravessam o ser, assim como o individual no coletivo a todo instante, respingam no circuito afetivo dos

personagens. Diante disso, temos pluralidade nas relações, a necessidade de ligações com demais fluxos, uma associação que dê lugar à vida em coletividade, independente das questões geográficas, religiosas, econômicas, política. Tratamos, portanto, da liberdade de ser um com o outro, das infinitas relações que compõem um pertencimento na alteridade.

Os personagens alteram suas perspectivas traçando novos rumos, construindo uma vida a partir da delicadeza e da sutileza proporcionada pelo amor entre os dois. A vontade de ser máquina se desmancha e o afeto irradia potencialidades nos limites que os esgotam, Andriy pela ausência dos pais e, assim como Quitéria, pelo trabalho exaustivo. O sentimento deixa evidente as formas alternativas diante da exclusão social, buscando a paz e a felicidade diante dos destroços de Bragança porque o “amor continua a ser uma relação com outrem que se transforma em necessidade [que] pressupõe ainda a exterioridade total, transcendente do outro, do amado” (LÉVINAS, 1988, p. 234). Humanizar-se pelo afeto é trafegar por caminhos plurais, vigentes, potentes “estavam todos dispostos a tudo. [...] capazes de qualquer coisa por amor ou pela falta dele” (MÃE, 2017, p. 193). Diante disso, é a disponibilidade de renúncia por parte de Quitéria, Andriy, Sr. Ferreira e Maria da Graça que os tornam quem são.

Safatle (2016) estuda o circuito de afetos agindo sobre os indivíduos em meio à política. Desse modo, entendemos que existe uma estrutura de afetos organizando tanto a sociedade quanto a maneira de se viver. Na narrativa, por exemplo, o homem de ouro, que aparece para Andriy, representa a pressão do sistema econômico, a busca pelo dinheiro, porém quando o personagem é guiado pela força do afeto, tendo em vista seu relacionamento com Quitéria e os fatos que surgem no dia a dia dos dois, temos o seu desaparecimento “o homem de ouro, desfeito no interior do piano, morreu. [...] a quitéria fechou os olhos e concebeu o seu andriy como um homem secretamente culto” (MÃE, 2017, p. 177). Nessa tomada o personagem está explicando para sua amada portuguesa sobre a convivência dele com os pais na Ucrânia. Falara dos músicos, da caixa de som conservada pela sua mãe Ekaterina e como isso era relíquias de felicidade contidas em sua memória de imigrante. Diante disso, temos a partilha de situações íntimas, reafirmando o elo de companheirismo.

Dessa forma, a autenticidade do amor biopotente coloca os personagens para além das suas limitações a partir de uma rede intensa no qual interpelam e os permite sair afora irradiando um fluxo de luta e de persistência, sem esperar condições

propícias, pois não se pode controlar aquilo que os atravessam. Em *O apocalipse dos trabalhadores*, vemos a revolução política por parte dos personagens, tendo em vista as relações estabelecidas com o outro através dos afetos. O amor, a gentileza, o companheirismo existente entre eles são capazes de retomar valores esquecidos diante de um sistema capitalista.

## **2.2 Por não caber no espaço tão pequeno: o amor como pulsão de vida e morte**

No romance cada personagem se configura, a um só tempo, de modo coletivo e individual, ocorrendo tanto o afetar-se como o afetar “não sorria, começava a chorar por acreditar que o amor era sempre igual a morte” (MÃE, 2017, p. 62). Podemos observar a partir dessa passagem a afetação da protagonista que, segundo Houaiss (2009), trata-se do exagero de sentimentos, ocasionando a comparação entre amor e morte. Utilizaremos o relacionamento dos dois personagens para percebermos as ações, buscando abranger o motivo pelo qual agem de determinada forma, tendo em vista o amor enquanto afeto biopotente a partir das pulsões de vida e morte.

Nicole Loraux, em seu livro *Maneiras trágicas de matar uma mulher* (1988), analisa as tragédias advindas de grandes violências na Grécia Antiga. De acordo com a autora, “tudo passa pelas palavras, porque tudo se passa nas palavras, principalmente a morte” (LORAUX, 1998, p. 21). Ao mesmo tempo que homens morrem como heróis em campo de batalha, as mulheres, submissas ao espaço doméstico de trabalho, falecem.

Esses lugares, portanto, são espaços de ocultação e de silenciamento das tragédias que percorrem o corpo feminino. Tomaremos como exemplo o discurso usado por Sr. Ferreira “inclinava-se um pouco à altura dela e beijava-a. não é que esteja certo, dizia ele, não estará com certeza, mas ambos sabemos o nosso lugar e é assim que a sociedade se estrutura” (MÃE, 2017, p. 20), para o patrão, o corpo de Maria da Graça fazia também parte do serviço, pois no começo se utilizava da falta de respeito enquanto trabalhadora e mulher.

A protagonista, ao acordar, lembra como será o dia de trabalho resumindo-se à limpeza numa casa em que a relação dela com o patrão se dá de maneira problemática decorrente do abuso. A descrição de violência contra a mulher na literatura, assim como em outras artes, tem o poder de denúncia. No romance, a

descrição feita por Valter Hugo Mãe sobre a violência sexual implica em apresentar uma situação vigente na sociedade portuguesa, mas que também reflete no mundo como um todo.

O corpo político possui sua existência na vida social a partir de um conjunto de relações particulares ou em conjunto. Nesse caso, Maria da Graça e Sr. Ferreira se constituem, se movem dentro da narrativa por causa do que acontece entre os dois. Discorrer sobre o amor, partindo dos pressupostos biopolíticos, implica reconhecer as formas de aproximação entre os personagens porque opera em uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que os desempara, também os recria, como lemos na epígrafe deste capítulo. Se por um lado, no início, Maria da Graça não suporta pensar no amor, no final reconhece que sempre foi apaixonada por Sr. Ferreira, como também aconteceu com ele. Para tanto, o amor é uma espécie de afecção de afirmações mútuas, de interesses particulares, as pessoas se afetam de modo consentido e consensual.

Diante disso, a cartografia afetiva traçada ao longo da narrativa ratifica a complexidade dessa relação, pois as situações propiciam as transformações. Há em *O apocalipse dos trabalhadores* a violação da dignidade da personagem Maria da Graça por parte do patrão, mas também, de algum modo, ocorre a aproximação dos corpos. A respeito disso, o amor “é a base dos processos de formação da identidade subjetiva a partir da transformação de investimentos libidinais em identificações” (SAFATLE, 2016, p. 38). Portanto, temos uma circulação dinâmica entre os personagens, haja vista os laços capazes de produzir conhecimento sobre si e sobre o outro:

levava talvez no sexo o desenho recortado por onde uma chave se rodaria. uma chave entre ele e ela que os trancava juntamente, para sempre. talvez por isso, a casada maria da graça dissera tão friamente que o senhor ferreira se punha nela. como se, com orgulho, se apoderasse enfim de um estatuto que ele apenas morto lhe viria a dar. (MÃE, 2017, pp. 70-71)

Diante disso, há uma quase completude entre os personagens no momento do sexo a partir do afeto amor. Esse por sua vez produz relações a partir do seu próprio tempo. Sendo assim, não se pode contar em instantes e duração, muito menos em positivo e/ou negativo, pois estaríamos negligenciando as afirmações de

possibilidades e acontecimentos entre os personagens. Partindo dessa ideia, são os circuitos afetivos que guiam as vontades. Trata-se, portanto, de “novas constelações cooperativas a partir da forma pós-moderna de amar, quer dizer, da nova forma de relação com o outro” (NEGRI, 2003, p. 22). Assim sendo, não queremos romantizar o amor, o abuso, ou qualquer que seja a classificação dessa relação, mas problematizar tal afeto para pensarmos um amor que faça afirmar: “florescemos sendo nada, tendo coragem de levar o ser ao limite do puramente indeterminado” (SAFATLE, 2016, p. 188). Diante disso, discorrer sobre o amor como um afeto biopotente é tê-lo como uma abertura que promove e gera potência de vida, porquanto constitui, conscientiza, traça novos caminhos.

Dessa forma, “os afetos precisam ser pensados como performativos: afetos agem, fazem, são ‘agidos’, freados, acelerados; modulam, modelam e são modelados” (SOTTANI, 2016, p. 93). Alegoricamente, consiste no ato de escavar, isto é, promove uma repetição insistente e bruta de um gesto, mas sem leveza, sólido e primário como quando se estivesse a lavrar a terra. No início do romance, Maria da Graça odeia Sr. Ferreira: “nunca teria vocabulário suficiente para explicar aquele odioso amor” (MÃE, 2017, p. 23), depois busca procurar uma saída para suas tormentas, inclusive a de negar a si mesmo o fato de ter se apaixonado por ele. O amor se configura como biopolítico quando impulsiona, sem atributos individuais, as relações; caracteriza-se por possuir uma força que desestabiliza como podemos perceber neste trecho:

ai quitéria, não me fales mais de mortos que o meu senhor ferreira, maldito filho da mãe, deixou-me aqui sozinha [...] tenho medo de cair em mim e entrar em pânico [...] pensar que ontem me pôs a mão, e agora não ter ali sequer seu calor, quanto mais um gesto para chegar a um abuso de confiança. (MÃE, 2017, p.85)

Podemos notar que a protagonista se sente um tanto quanto esquecida pelo Sr. Ferreira e por causa disso sente na pele o receio de perder até lucidez. Dessa forma, o amor atua em forma de biopoder, pois desestabiliza a vida da protagonista causando medo e pânico. A repulsa e aversão de Maria da Graça se dá pela violência física, sexual e psíquica, mas também porque ela não consegue concretizar em vida as vontades que tinha ao lado dele, por exemplo, o de construir uma família, tanto que em seus sonhos, mais parecidos com pesadelos, seu desejo está em reencontrar o

Sr. Ferreira. Amar também implica transtornos e sofrimentos, principalmente quando é gerado a partir da visão romântica, na qual se pauta em suportar, a qualquer custo, tudo em nome do amor.

Na protagonista os ataques de pânico começam quando subitamente perde a certeza das coisas e não tem como trazer de volta os dias passados, ficando apenas as incertezas, “nada lhe daria mais tempo com o senhor ferreira para saber se ele, por fim, a pediria em casamento” (MÃE, 2017, p. 101); a pensar, planejar e assistir a métodos para voltar: sem êxito. Estava, pois, depois do tempo, obrigada a aceitar seu destino.

Às seis da manhã, ligaram para a mulher-a-dias com a notícia de que o Sr. Ferreira se matara “ela ponderou bem o que ouvia e acendeu a luz [...] a policial dizia-lhe que era a agente quental [...] o cadáver fora encontrado no passeio, tendo o suicida saltado por uma das janelas” (MÃE, 2017, p. 62). Era uma morte sindical e de protesto por não aceitar o que aconteceu com o pai, mas também pela impossibilidade de concretizar o amor dele e de Maria da Graça. Inclusive, pelo preconceito, sendo rico, possuir condições elevadas, não poderia se casar com uma diarista. Ao se jogar, estaria retirando de si toda a elevação humana, pois era um homem cheio de razões para viver, tinha muito dinheiro, sabia coisas e apreciava os prazeres elementares, mas solitário, sem ter os outros consigo. “que prazeres, estás a falar de que prazeres. e ela respondeu, da mesa e da carne” (MÃE, 2017. p.69-70). Nesse sentido, existe um limiar entre a vida e morte, entre a loucura e lucidez em que continuar vivo e perecer repercutem de modo mútuo.

Dessa forma, tanto a vida como a morte percorrem a narrativa do início ao fim. Seja a partir dos personagens Andriy e Quitéria buscando a todo instante se manter vivos para ajudar um ao outro em Bragança, ou quando Maria da Graça e Quitéria se apoiam em dias difíceis; nos milhões que morreram na Ucrânia devido às guerras e à falta de alimento, ao pai de Andriy e o do Sr. Ferreira, até as duas mortes ritualizadas entre o patrão e a empregada, transportando-se entre realidade, sonhos e pesadelos, no entrelace entre o viver na terra e o estar às portas do céu. O planejamento da morte de Sr. Ferreira segue as mesmas ideias dos artistas que lia, pois ele escolhe a hora; coloca para tocas os réquiens de Mozart, poesias de Rainer Maria Rilke, arquitetando todas as possíveis circunstâncias que viessem a acontecer no local “era nesse desejo central que encontraria uma alternativa para enaltecer Maria da Graça, afinal ele também se importava com ela” (MÃE, 2017., p. 194). Uma morte minuciosa, pensada

através das mais refinadas obras e autores da alta cultura artística. Em um quarto escuro mais parecido com um sótão, o aposentado encontra nessa escuridão alguns minutos do dia para pensar sobre a essência das coisas.

O acúmulo de trastes, de cortinas e de roupas desse quarto figuram os pensamentos do Sr. Ferreira. É um ambiente que paira a desordem, sendo improvável reconstruir os sentidos da vida. Já para Maria da Graça o suicídio se configura como uma fatalidade “e ela pensou, ah, são pedro, são tantos os caminhos para o lado de dos sonhos. e assim, tombou no chão” (MÃE, 2017, p. 200), resolvendo se entregar nos braços daquele a qual amara, indo portas da morte adentro, ela pensara encontrar uma alternativa que findasse o sofrimento e solucionasse a precariedade existente em seu corpo, alma e mente “e ela já sabia que não penaria ali nunca mais, não penaria viva, esfregando o coração no chão” (MÃE, 2017, p. 199), tendo em vista que a fusão de amor com o Sr. Ferreira não poderia acontecer.

Desse modo, há resquícios de amor biopotente porque a todo instante são colocadas as emergências da vida “a maria da graça era herdeira e proprietária de uma bela casa na praça da sé, rebordada a pedra e decorada com móveis de bom gosto” (MÃE, 2017, p. 192). A mulher-a-dias precisou a todo momento emergir, gerindo diante da escassez a sobrevivência física, conseguindo ao final ser a viúva, daquele a qual amava mesmo sem as devidas assinaturas “o passo largo faziam-na sentir-se a viúva do Sr. Ferreira [...] pareciam impô-la como viúva do maldito (MÃE, 2017, p. 70). Portanto, estava a herdar uma casa no centro de Bragança deixada pelo Sr. Ferreira: “calçou as pantufas nos seus pés descalços [...] se sentiu mais assenhorada, num à-vontade que não estaria de acordo com a sua condição de empregada” (MÃE, 2017, p. 159).

No romance entre os dois, percebemos a diferença, mas também a ressignificação da protagonista por meio da afetividade, tendo em vista que o patrão permite a elevação social da empregada, pois a amava. Ao final, temos a caminhada percorrida por Maria da Graça até o ponto que lhe proporcionará de uma vez um basta nas suas vontades terrenas, seguindo para os tramites finais da narrativa como nos mostra a passagem:

a maria da graça subiu ao topo do prédio e apreciou bragança por ali fora a mexer com a delicada paciência do verão. estava num agosto quente a retirar a vontade de trabalhar a todas as pessoas. [...] ficava apenas sentindo o tempo, o peso nos ombros a certeza de que

morreria ali, aparentemente tão cedo e preparada [...] e era por ele, mas por ela também (MÃE, 2017, p. 198).

Diante disso, a protagonista vê na morte uma maturidade, sentia-se rente à felicidade por nunca mais precisar esfregar no chão seu coração, a limpar as nódoas. O amor biopotente permite a uma mulher fazer o seu próprio juízo e dar sua própria sentença “eu própria desaparecer de todo” (MÃE, 2017, p. 200). Há um ar de esperança no pós-morte, porém não se vê um clarão, nem se abre um espaço sequer para esse amor, até mesmo depois do suicídio como sonha a protagonista. “o amor não cabia quieto no espaço tão pequeno que era o corpo de uma mulher” (MÃE, 2017, p. 200-2001). Maria da Graça se mata de maneira serena, esperançosa, amando, percorrendo seu caminho para além dos sonhos e vida.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou o trabalho de pesquisa percebemos que existia a necessidade de ampliação interpretativa sobre o livro *O apocalipse dos trabalhadores* (2017), de Valter Hugo Mãe, tendo em vista os poucos trabalhos realizados sobre a obra. Desse modo, notamos a partir da leitura do romance que os afetos estão presentes nas personagens, diante disso, foi possível analisar as questões que envolvem o amor e suas irradiações biopotentes na literatura contemporânea portuguesa, mediante as vivências cotidianas dos personagens centrais. Com isso, os afetos se dispuseram de um clarão e pôde facilitar, traçando novas linhas de fugas e arranjos, de maneira que os impulsionaram a agir, embora de maneira distinta, para se ter uma vida mais digna. Paralelo a isso, os circuitos afetivos também corroboraram a evidenciar uma realidade esmagadora, pois muitas vezes eles se sentiam mecânicos, suprimidos pelo trabalho.

Observamos ainda que o amor não se constitui enquanto afeto individual, pois o medo e esperança contribuíram para a construção das personagens Maria da Graça e Quitéria, portanto, tornaram-se afetos complementares. O contexto biopolítico do romance, cujo o biopoder se faz presente mesmo que de maneira sutil, apontou para a pobreza e falta de dignidade dos trabalhadores. A crise econômica de Portugal, devido os resquícios ditatoriais, proporcionou-nos pensar sobre a precariedade da vida dos personagens mediante a falta de emprego e salários baixos. Quitéria e Maria da Graça, mesmo sendo mulheres-a-dias, vislumbram um espaço de igualdade em Bragança e conseguem êxito porque uma ajuda Andriy a comprar passagens e retornar para Korosten, já a outra cessa seus sofrimentos através da morte tendo a possibilidade de encontro com o amado.

Partindo disso, verificamos na obra que os casais centrais se humanizam frente ao amor biopotente provocando torrentes afetivas pelas relações mais íntimas, proporcionando as pulsões de vida e morte. Seguindo adiante, compreendemos também a mudança do biopolítico na pós-modernidade, pois, estando esse para a biopotência ocorre uma reação ao biopoder. O amor, por exemplo, reage e assume um caráter biopotente na vida das personagens Maria da Graça e Quitéria quando lampeja na vida de Andriy e Sr. Ferreira construindo relações e elos entre eles. Como também diante desse contexto cansativo e esgotante porque a afetividade pôde permitir a oportunidade única de se humanizarem.

A pesquisa partiu de uma pergunta norteadora porque vimos a abertura para o poder da vida se contrapondo ao poder da vida devido os circuitos de afetos, as relações, os vínculos estabelecidos entre os personagens do núcleo principal da narrativa, pois o amor, à luz da biopolítica, apresenta uma dupla face, tanto ele recria suscitando estratégias de se manter enquanto sobrevive frente ao biopoder, como desampara, tendo em vista as várias situações instâncias que capturam a vida tendo em vista que no início a protagonista tem seu corpo violado pelo patrão Sr. Ferreira. Percebemos com isso, na descrição feita pelo escritor, um assunto vigente na sociedade portuguesa, mas que reflete no mundo como um todo. Dessa forma, temos na relação entre o patrão e a diarista aspectos sobre violência à mulher na literatura, sendo retratado como forma de denúncia atemporal.

Ao discorrermos sobre o amor biopotente, verificamos uma ferramenta que promove e gera potência à vida, pois se configurou enquanto biopolítico quando impulsionou sem atributos individuais as relações. Por fim, a pulsão de vida e morte percorrem a narrativa das páginas iniciais até as finais, pois os personagens do núcleo buscam a todo instante lutar pela vida, Andriy e Quitéria por desenvolver um elo capaz de se apoiarem em Bragança ou quando Maria da Graça tem a cumplicidade de Quitéria para suportar os dias difíceis; também nos milhões que morreram na Ucrânia devido às guerras e a falta de alimento até as duas mortes ritualizadas entre o patrão e a empregada, transportando-se entre realidade, sonhos e pesadelos, no entrelace entre o viver na terra e o estar às portas do céu. Tudo isso em decorrência do amor. Portanto, há em *o apocalipse dos trabalhadores* resquícios de amor biopotente perpassado pelas urgências de se manter enquanto uma sobrevive.

Valter Hugo Mãe através da escrita nos conduz a pensar sobre as emergências do tempo presente, principalmente quando se trata da mulher em sociedade. Quando utilizo a preposição "em" problematizo a atuação da mulher, ocupando os espaços: seja no trabalho ou até mesmo nas relações estabelecidas com o outro. Não é apenas o estar na sociedade, é o resistir. Assim como toda pesquisa tem suas limitações, fica aqui o nosso manifesto para outros pesquisadores aprofundarem as relações existentes no livro conforme outros afetos, já que não é possível abarcar todos, bem como usar de outras teorias, por exemplo, sob a perspectiva da crítica feminista para compreender ainda mais como se dá a relação entre Maria da Graça e Sr. Ferreira.

Desse modo, a vontade de trilhar caminhos de descobertas cresce ainda mais quando nos debruçamos e adentramos nas obras de Valter Hugo Mãe.

Concomitantemente, nosso desejo é possibilitar a abertura de novos conhecimentos científicos, em específico, possibilitar o despertar para a literatura contemporânea portuguesa, bem como outras obras do escritor por possuir nas páginas um ambiente propício e realidades nas quais desencadeiam a valorização das relações a partir dos afetos. Os personagens de *o apocalipse dos trabalhadores* possuem a capacidade de provocar e sugerir modos de existência diante das situações em que buscam a todo instante roubar a vida. É, portanto, nesse seio de captura de vida que encontramos uma réstia de possibilidade a partir do amor, fazendo-nos compreender tanto o eu como os vários outros.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Tradução: Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

AGAMBEN, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Tradução: Cláudio de Oliveira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

ALMEIDA, Rogério. **Eros e Tântatos**: a vida, a morte, o desejo. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3ª ed. São Paulo Ática, 1985

BIRMINGHAM, David. **História concisa de Portugal**. Tradução: Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2015.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARLOS, Reis; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de Narratologia**. Edições Globo, LDA: Lisboa-Portugal, 2000.

ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Tradução: M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. (1915a). **Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (ESB, 14).

GIL, José. **Em busca da identidade**: o desnorte. Portugal: Relógio d'água Editores, 2009.

GÓES, Walder de. **Revolução em Portugal**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

HENZ, Alexandre de Oliveira. *Outrem*. In: AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara. **Abecedário educação da diferença**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

KLINGER, Diana. **Literatura e ética: da forma para a força**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Tradução: José pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1998

MÃE, Valter Hugo. **O apocalipse dos trabalhadores**. 2ª ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2007

MOISÉS, Masssaud. **Dicionários de termos literários**. 12ª ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

NEGRI, Antonio. **Kairòs, alma venus, multtudo: nove lições ensinadas a mim mesmo**. Trad. Orlando dos Reis e Marcello Lino. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

NOGUEIRA, Carlos (org.). **Nenhuma palavra é exata**: estudos sobre a obra de Valter Hugo Mãe. 1ª Ed. Porto: Porto Editora, 2016.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

PELBART, Peter. **Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo**. Saúde Soc. São Paulo, v.24, supl.1, p. 19-26, 2015.

RAMOS, Arthur. **Introdução à psicologia social**. 4. ed. Santa Catarina: UFSC, 2003.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. rev.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding / Ian Watt**. Tradução: Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LORAU, Nicole. **Maneiras trágicas de matar uma mulher**: imaginário da Grécia Antiga. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.

BOSI, Alfredo. **A interpretação da obra literária**, 1988 Disponível em: <https://dokumen.tips/documents/alfredo-bosi-a-interpretacao-da-obra-literariapdf.html> Acesso em 23 out. 2020.

DURÃO, Fábio. **Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários**. Revista Delta-Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada ISSN 1678-460x. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22230/17992> Acesso em: 23 out. 2020.

SOTTANI, Silvânia. **Biopolítica dos fetos**: alteridade ressentimentos e a circulação da intolerância. Tese de doutorado do programa de pós-graduação em

Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:  
[www.pos.eco.ufrj.br](http://www.pos.eco.ufrj.br) acesso em: 10/11/2020